

O TRAMAD E A ACESSIBILIDADE EM TRADUÇÃO NO BRASIL

ENTREVISTA COM MANOELA CRISTINA DA SILVA

*Por: Arthur Vargens



A professora Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva tem um histórico voltado para o ensino de inglês e tradução, tendo sempre dado destaque para acessibilidade, e, especialmente, para a audiodescrição. É graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 2009, defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada *Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil*. Em 2010, tornou-se professora do Departamento de Letras Germânicas da UFBA. Atualmente, está cursando o doutorado em Educação, desenvolvendo mais uma pesquisa acadêmica sobre audiodescrição. Desde 2005, à época, aluna de graduação, ingressou no grupo TRAMAD – Tradução, Mídia e Audiodescrição, no qual atuou junto à professora Eliana Franco – autora do primeiro artigo desta edição – e uma grande equipe dedicada a trabalhos acadêmicos e extra-acadêmicos, buscando promover uma sociedade em que todos tenham vivências e oportunidades equânimes. É sobre esse grupo – que já completou 13 anos e segue, mantendo-se constante em suas atividades – que conversamos nesta entrevista.



01. O que é o TRAMAD?

O TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) é um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo e promoção da acessibilidade em Tradução através de modalidades como, por exemplo, a AD (audiodescrição), a LSE (legenda para surdos e ensurdecidos) e a janela de Libras. Os integrantes do grupo, que agrega pesquisadores da UFBA, da UNEB e do IFBA, buscam aliar a pesquisa acadêmica à prática. Sempre que possível, esses pesquisadores empenham-se em tornar acessíveis eventos culturais (sessões de cinema, espetáculos de teatro, exposições de fotografia, etc.) e formar multiplicadores através de cursos e oficinas.

02. Como o TRAMAD surgiu?

O TRAMAD foi fundado pela Dra. Eliana Franco, que foi docente da UFBA por doze anos e se desligou da instituição em abril de 2014. Durante sua participação em um congresso internacional no final de 2004, ela foi apresentada à AD e decidiu tornar a modalidade o carro chefe das pesquisas do então grupo TRAM (Tradução e Mídia). Em 2005, o grupo foi renomeado e passou a se chamar TRAMAD, tornando-se o primeiro grupo de pesquisa em AD do Brasil. Hoje, o grupo é coordenado por mim e dedica-se não só ao estudo da AD, mas ao conceito mais amplo de acessibilidade em Tradução.

03. Em 2017, o TRAMAD completou 13 anos. Quais os principais acontecimentos que marcaram a história do TRAMAD até então?

O TRAMAD também foi responsável por tornar acessíveis diversos filmes, peças de teatro, exposições e conferências. Alguns dos nossos trabalhos mais marcantes foram a AD para o DVD do filme *Ensaio sobre a cegueira*, de Fernando Meirelles; a AD da montagem de *Os Três Audíveis*, o primeiro espetáculo brasileiro de dança a ser audiodescrito; e a AD da exposição *Jorge Amado e Universal* do MAM.

Também tivemos nosso trabalho reconhecido através de prêmios. Recebemos o prêmio *Hors Concours* do Festival *VerOuvindo* de Recife em 2015 e nosso roteiro do curta *Órun Àiyé* foi eleito como a melhor audiodescrição pelo júri popular na edição de 2017 do mesmo festival.

04. Com que tópicos específicos o TRAMAD tem trabalhado?

O carro chefe das pesquisas do grupo continua sendo a AD. No momento, há pesquisas sendo desenvolvidas, por exemplo, sobre o humor em AD, a AD de jogos de futebol, a AD de imagens de livros didáticos, a AD para pessoas com deficiência intelectual e a AD de esculturas. No entanto, também pesquisamos outras modalidades de tradução. Um dos integrantes do grupo está desenvolvendo pesquisa sobre a LSE de uma peça de teatro, e outro sobre sinais em Libras usados em cursos técnicos.



EQUIPE DO TRAMAD

05. Como se define acessibilidade? E acessibilidade audiovisual?

A lei 13.146/2015, que é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, entrou em vigor em janeiro de 2016. Seu texto define acessibilidade como:

“possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Fica claro, portanto, que o conceito não se restringe à ideia da acessibilidade arquitetônica e supera em muito a mera oferta de, por exemplo, rampas e piso tátil. Além disso, também é possível perceber que o público-alvo da acessibilidade não é apenas formado por pessoas com deficiência, uma vez que “pessoas com mobilidade reduzida” incluem idosos, gestantes, pessoas com crianças de colo e obesos.

Logo, a acessibilidade é a forma pela qual podemos superar as diversas barreiras (urbanísticas, arquitetônicas, atitudinais, tecnológicas, nos transportes, nas comunicações e na informação) e garantir o acesso de todos a qualquer produto, ambiente ou serviço. Uma das formas de garantir a acessibilidade nas comunicações e na informação é a utilização de

recursos como a AD, a LSE e a janela de Libras. No entanto, a acessibilidade em Tradução (prefiro essa designação ao termo “acessibilidade audiovisual”) não se restringe a essas modalidades. Teóricos como Diaz Cintas e Orero defendem a ideia de que qualquer modalidade de tradução tem por objetivo tornar acessível algo que seria incompreensível aos seus receptores. A diferença é a natureza do impedimento por parte do público-alvo. No caso da legendagem aberta e da dublagem, por exemplo, essa barreira é linguística. No caso da AD, da LSE ou janela de Libras, ela é sensorial. Portanto, até mesmo as mais tradicionais modalidades de tradução (e não só as audiovisuais) seriam exemplos de acessibilidade em Tradução.

06. Quando o tema da audiodescrição despertou interesse de investigação e atuação acadêmica, no Brasil e no mundo?

As primeiras referências à AD em publicações especializadas na área de tradução datam do início dos anos 2000. Em 2003, foi lançada uma edição especial da revista *The Translator* dedicada à tradução audiovisual e, em sua introdução, Gambier cita a AD entre as 12 diferentes modalidades que compõem o gênero. No Brasil, o TRAMAD é pioneiro em pesquisas em AD, tendo iniciado seus trabalhos em 2005.

07. O que contribuiu para que esse interesse surgisse naquele momento?

O crescente interesse pela TAV (Tradução Audiovisual) e suas diversas modalidades, bem como o crescente interesse na temática da acessibilidade.

08. Como o cenário político nacional atual pode interferir no tema da acessibilidade audiovisual e da audiodescrição, academicamente e extra-academicamente?

O Brasil já conta com uma série de leis que garantem o direito à acessibilidade comunicacional nos mais diferentes contextos. Todo projeto audiovisual financiado com recursos públicos federais geridos pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), por exemplo, deve contemplar recursos como a AD, a LSE e a janela de Libras. Entretanto, como é habitual em nosso país, a existência da legislação não garante que esses direitos saiam do papel. Num momento de instabilidade como o que vivemos e de tantos cortes, é preciso pressionar para que a acessibilidade deixe de ser vista como um “artigo de luxo” e passe a ser priorizada. Afinal, o acesso universal à comunicação e à informação é uma das bases de um regime verdadeiramente democrático.

Quanto a pesquisas, o interesse sobre a temática da acessibilidade tem crescido a cada ano. Alguns teóricos postulam o nascimento de um novo campo ou área do saber: os Accessibility Studies (Estudos em Acessibilidade). O novo campo aglutinaria

pesquisadores da Tradução, Comunicação, Psicologia, Educação, Ciência e Tecnologia, etc. Pessoalmente, vemos esse interesse com muito bons olhos. Num momento político tão difícil, dar visibilidade ao tema da acessibilidade é lutar pelos direitos humanos, ou seja, pela bandeira de que todos nascemos iguais em dignidade e direitos e que devemos agir com espírito de fraternidade uns para com os outros, promovendo o respeito, a aceitação e o suporte necessário para as diferenças

09. Quais os maiores desafios para a audiodescrição na Bahia e no Brasil?

Hoje a AD, a LSE e a janela de Libras são direitos garantidos por lei. Entretanto, a mera presença da AD, da LSE e da janela de Libras não garante a acessibilidade porque, na maioria das vezes, o único critério usado para a escolha dos prestadores desses serviços é o preço. No entanto, preço barato não é sinônimo de qualidade. É por isso que vemos janelas que não respeitam as dimensões necessárias e audiodescrições confusas e mal narradas. Há empresas de tradução no mercado que nem sequer sabem diferenciar LSE de *closed caption*. Outros problemas são os prazos apertadíssimos e a relutância em pagar pelo serviço dos consultores (integrantes do público-alvo que fazem a revisão dos roteiros). O maior desafio para quem trabalha com acessibilidade em Tradução, portanto, é educar o mercado para que entenda a complexidade de se tornar um material acessível e para que a acessibilidade não seja deixada para a última hora.



EQUIPE DO TRAMAD

* As fotos exibidas nesta publicação foram cedidas pela entrevistada e devidamente autorizadas pelos terceiros envolvidos.